



A IMPORTÂNCIA DA NATUREZA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO GAÚCHO POR MEIO DA MÚSICA

Virgínia Tavares Vieira. Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Vi_violao@yahoo.com.br

Camila da Silva Magalhães. Universidade Federal do Rio Grande
camilapedag@gmail.com

Introdução

A música tem sido um instrumento muito importante para pensarmos a sociedade. Nas últimas décadas vem despertando cada vez mais o interesse de pesquisadores como uma ferramenta potente e relevante para compreendermos o mundo em que vivemos. Tratamos esta arte como artefato cultural potente na (re) produção de saberes e verdades que nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos de um determinado tempo social e cultural. Panitz (2010) entende a música como um fenômeno artístico capaz de criar representações sociais e espaciais agindo no e sobre o espaço e, desta forma a reproduzindo de um modo particular. De acordo com o autor, podemos entender esta arte como um instrumento potente a nos fazer apreender como constituímos o espaço geográfico e cultural do pampa. Trazemos a questão geográfica pontuada por Panitz (2010) por entender que esta contribui significativamente para a constituição dos sujeitos que habitam as terras sul-rio-grandenses e, que estas representações atravessam e são também atravessadas pela música desta região. Assim sendo, o presente estudo tem como proposta estabelecer uma conversa entre Música Pampeana Gaúcha, Cultura, Natureza, Sociedade e EA com o objetivo de problematizar como vem se constituindo um discurso de natureza nas terras sul-rio-grandense, por meio da música pampeana.

Metodologia

Para dar conta desta investigação selecionamos como metodologia da pesquisa algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault, operando especificamente com os conceitos de discurso e enunciação para que



possamos colocar em suspenso algumas verdades tidas como já sabidas sobre a região pampeana. Ressaltamos que nossa proposta não se vincula a analisar os autores e compositores de tais obras, pois como nos diz Foucault (2012) “fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso” (p. 59). Amparado nos ensinamentos do filósofo francês, entendemos discurso como um conjunto de coisas ditas em um determinado tempo e lugar que ao serem colocados em funcionamento produzem saberes e verdades em nossas vidas. Sendo assim, questionamos: que verdades vêm sendo fabricadas sobre o Pampa nas últimas décadas, que desempenham um papel importante na história e na cultura desses sujeitos que tanto enaltecem estas terras? Além disso, nos interessa estudar sobre as relações de poder e saber que se entrelaçam a essas verdades que nos fazem olhar para o Pampa de uma forma e não de outra. Como argumenta Sampaio “se é no discurso que se conectam poder e saber, é também por meio do discurso que se distingue o verdadeiro do não verdadeiro” (2012, p. 93).

Cultura e natureza

Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Segundo Guimarães, “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza” (2008, p. 88). Para o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Se adentrarmos a história do mundo ocidental, veremos as diferentes formas pela qual a natureza vem sendo contada e significada na cultura, desde as grandes navegações dos séculos XV e XVI: ora uma natureza paradisíaca, exuberante, ora uma natureza selvagem, temida.

Pensando a atualidade, gostaríamos com este estudo, problematizar a visão que hoje temos de natureza, principalmente no que tange a região do Pampa gaúcho. Em uma pesquisa prévia, pudemos observar o quanto se faz presente na música pampeana peculiaridades que descrevem os hábitos e costumes dos sujeitos principalmente em sua relação com a paisagem natural. De acordo com Dos-Santos (2012), “o pampa é horizonte do viver e das relações socioculturais de

diversos povos que ali se encontraram ao longo dos anos, desde os indígenas até os nossos contemporâneos” (p. 51). Para o autor ela é “peculiar e característica”, pois carregamos a herança de nossas colonizações luso-espanhola, indígena, africana, alemã e italiana.

O Pampa, região de terras planas, conhecida também como região Platina, compreende os territórios do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Este amplo espaço de terras é caracterizada por uma vegetação composta por gramíneas, plantas rasteiras, árvores, arbustos, serras, morros e coxilhas. No entanto, no que tange a questões culturais sobre o Pampa, Braun nos diz que,

[...] a planície sem fim que vai do Rio Grande do Sul aos contrafortes dos Andes na taiga da Cordilheira. É o campo imenso – a predeira, dos centauros campesinos, rio-grandenses e platinos, titãs da raça campeira. Vem do Quíchua – e quer dizer, o campo aberto – a planura, o descampado – a lonjura, a várzea que se destampa. Nele a liberdade acampa e o civismo não estanca. Animal cabeça branca também é chamado de Pampa (p. 254 - 255).

De origem indígena o termo Pampa representa mais do que terras divididas geograficamente entre os países do Mercosul. Esse amplo espaço de terras compartilha culturas, hábitos de vida e costumes que fazem parte da nossa história, bem como da cultura do gaúcho e desse povo *pampeano* que atravessam as fronteiras. Tendo como intenção colocar em suspenso a forma como vem sendo narrado a natureza do Pampa gaúcho, apresentamos abaixo um trecho da música “Me comparando ao Rio Grande” de Iedo Silva

Sou grito do quero-quero/No alto de uma coxilha/Sou herança das batalhas/Da epopeia farroupilha/[...] **Sou a cor verde do pampa / Nas manhãs de primavera / Sou cacimba de água pura / Nos fundos de uma tapera / Sou lua, sou céu, sou terra / Sou planta que alguém plantou / Sou a própria natureza / Que o patrão velho criou [...]** (Me comparando ao Rio Grande – Iedo Silva) [Grifos nossos].

O trecho apresentado nos salienta elementos bastante comuns a natureza do Pampa gaúcho e que contribui para a constituição da paisagem natural destas terras como o quero-quero, a boiada, as coxilhas, “o rangido das carretas e a cor verde do pampa”.

Com isso, ressaltamos a importância de olharmos para música como um importante artefato cultural que é capaz de (re) produzir discursos, saberes e verdades diante desse entrelaçamento entre cultura e sociedade. Como nos diz Teixeira (1978) na música Céu, Sol, Sul, Terra e Cor [...] *Fazer versos cantando as*



belezas desta natureza sem par / E mostrar para quem quiser ver, um lugar pra viver sem chorar [...] este é o Pampa, este é o meu Rio Grande do Sul. São narrativas como essas e tantas outras que descrevem o Pampa. “Coxilhas, pés roseteados de campos, terra e cor, enfim, uma natureza sem par”! É colocando em suspenso verdades como essas, descrita em letras de música que ao longo da história vêm nos ensinando o que é o Pampa, bem como a forma como se dá a relação desses sujeitos com as paisagens naturais que olhamos para música desta região.

Considerações finais

Nossas perspectivas com este estudo é que por meio da música pudéssemos suscitar o pensamento, provocando novas discussões no campo da Educação e da EA, entendendo esta arte como uma importante ferramenta para pensarmos como vem se dando a constituição de saberes referentes à natureza do Pampa Gaúcho. Queremos atentar para novas discussões acerca de questões pouco problematizadas por nós: que entendimento se tem de natureza e cultura? Como salienta Guimarães, “que possamos nos instaurar nas fissuras da Educação Ambiental, pensando políticas que possam nos remeter a construção de coletivos de natureza e culturas não permeados” (2008, p. 99). Talvez Foucault nos ajude a entender essas fabricações de verdades que vão constituindo modos de ser, viver e se relacionar no mundo.

Referências

- BRAUN, J.C. **Pátrias – fogões – legendas – Vocabulário Pampeano**. Porto Alegre: Edigal, 1998.
- DOS-SANTOS, J. D.T. **Lúcio Yanel e o Violão Pampeano: memória(s), história(s) e identidade(s) de um fazer musical no sul do Brasil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 8ª Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2012.
- GUIMARÃES, L.B. A importância da história e da cultura. **Inter-Ação**: Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, 2008.
-



SAMPAIO, M. V. S. **“Uma floresta tocada apenas por homens puros...” Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia.** 2012. 296 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.